



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Memórias de um ano verde-oliva

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Edison Luis Gastaldo

Memórias de um ano verde-oliva

Edison Luis Gastaldo

Servi o Exército em 1984, no CPOR de Porto Alegre.

Mas começo um pouco antes. Em 1983, fiz alistamento na Junta do Serviço Militar. Devo ter comparecido umas três ou quatro vezes, em locais diferentes, fazendo testes físicos, exame médico e uma prova escrita para ter acesso ao CPOR. Os demais conscritos iam para a tropa. Lembro de um tal “teste de aptidão moral”. Depois da fila, sentei em uma mesa, onde um milico me encarou sério e perguntou: “Tu é viado?” Não. “Tu é maconheiro?” Também não. Pronto, papel de “aptidão moral” carimbado. Na época, eu era aluno do primeiro ano em Agronomia da UFRGS. Na faculdade, tinha uma vida bastante diferente: cabelos crescendo, juntei com amigos roqueiros e fizemos uma banda de *heavy metal* chamada “Erosão”. Jogávamos sinuca, bebíamos cachaça e ouvíamos AC/DC. De vez em quando, eu assistia algumas aulas. A entrada no serviço militar, em janeiro de 1984, interrompeu a rotina de esbórnica.

Corte de cabelo, nome de guerra, número de identificação, farda, coturno, ordem unida. Junto a outros garotos de 18 anos, fomos inseridos na cultura militar aos trancos. Meu pai e meus tios haviam todos feito o CPOR nos anos 1950, e eu pensava em algo como uma tradição familiar naquele momento. Um rito de passagem para obter respeito na família.

Rapidamente aprendi algumas coisas que não estavam escritas em nenhum regulamento: no quartel, quem não é malandro, é otário. E que quem não é temido, é agredido. O Exército é um lugar onde o *bullying* é institucionalizado. E decidi que eu não ia ser otário e ninguém ia me agredir. Foi o que aconteceu, mas vi muitos otários sendo agredidos ao longo do ano. Vi colegas sendo obrigados a subir e descer o morro correndo, “batendo asas” e gritando “Eu sou bisonho! Eu sou bisonho!”

No período básico, colocaram o pelotão em forma e perguntaram: quem sabe datilografia? Os que responderam ganharam uma enxada. Quem sabe desenho? Os respondentes ganharam uma pá. Quem sabe dirigir? Não sabia, mas disse que sim, e ganhei um facão. Conforme inferido (já estava ficando malandro), quem não dizia “saber”

nada ganhava a pior ferramenta de todas, o “cri-cri”, um pedaço de fita de aço de caixote dobrada, que se segurava com um trapo de pano. Usava-se o artefato para arrancar as ervas de entre as frestas do pátio de cimento, no sol. Vi gente desmaiando fazendo cri-cri. Enquanto isso, com meu facão, eu trabalhava podando árvores (na sombra).

Caí no pelotão de Engenharia. O Tenente Lauro (anos mais tarde, soube que havia chegado a general) era, então, um jovem de uns vinte e poucos anos, um pouco mais velho do que nós, e a quem tentávamos desafiar o tempo todo. Ele tinha muito carisma, sabia comandar seu pelotão, e, embora tivéssemos um apelido secreto para ele (“Estática”, por causa de seu imenso bigode, igual ao de um vilão de desenho animado), ele nos tinha na palma da mão. Ainda que ninguém confessasse, ele realmente tinha nossa admiração. Comparávamos o “nosso” tenente com o tenente “dos outros” pelotões, e sempre saíamos em vantagem. Todos sabiam que ele era “01” de sua turma na AMAN, e cotado para chegar a General. Isso era um trunfo e tanto.

Passado o período básico, tive boas notas, e pude escolher o curso de Engenharia, que naquele ano, foi o primeiro a fechar. O tenente Lauro já me conhecia, e apesar de nunca aliviar nada pro meu lado, tenho a impressão de que ele gostava de mim. Apesar de simpático e risonho, eu era um pouco atrevido e respondão - sou até hoje - e isso me garantiu alguns pontos de respeito entre os colegas. Já o tenente, ante qualquer laivo de ironia ou deboche em uma resposta minha (principalmente quando o pelotão ria), olhava pro chão e me dizia: “Dez.” Me fazia pagar dez flexões pela impertinência, mas ficava rindo da piada.

Ao longo do ano, estudávamos em velhas apostilas mimeografadas, chamadas “papiros” e em livrinhos cinza, chamados de “vade-mécum”. Os conteúdos eram muito desatualizados, e brincávamos entre nós que quem soubesse aquilo tudo estaria em condições de lutar na Segunda Guerra Mundial. Aprendi algumas coisas práticas (os nós de barqueiro e de cabrestante, por exemplo, me foram úteis várias vezes ao longo da vida, de estender um varal a montar um acampamento), mas a maioria das coisas a serem “aprendidas” (estradas e pontes, suprimento de água, planejamento e emprego de Engenharia, etc) eram pura decoreba. Estudar era ler muitas vezes os papiros (“papirar”, se dizia) e torcer para, na hora da prova, cair algo de que eu lembrasse. Não tive dificuldade alguma nas provas e sempre estive entre os primeiros do pelotão em notas.

Em um dos campos, acho que em São Gabriel/RS, no 6º. BECmb, fui incumbido de liderar uma fração do pelotão para montar um ponto de suprimento de água potável,

na beira de um açude. O tenente havia dividido o pelotão em dois grupos, em uma espécie de competição. Quem tirasse água potável primeiro, ganhava. Meu “concorrente” (líder da outra fração) mal foi incumbido, subiu em um toco e começou a dar ordens, no que foi imediatamente contestado pelos colegas. A questão era o “conjunto de sucção, recalque e tratamento”, uma estrutura composta por um motor elétrico, canos e um filtro de pré tratamento. Era uma peça grande, pesada e suja de graxa, que ninguém queria carregar. Todos os colegas indicados para carregá-lo reclamavam e diziam que os outros é que deviam fazer a ingrata tarefa. No meu grupo, dei a todos tarefas fáceis, e me incluí no grupo que deveria carregar o motor. O tenente me chamou e disse: “você é o comandante, não deveria pôr a mão na graxa.” Respondi que, se eu era o comandante, eu iria fazer do meu jeito. Ele aceitou. Meu grupo compreendeu o espírito coletivo e em menos da metade do tempo dos concorrentes jorrou água potável no nosso reservatório. Como prova final, tive que beber a água que tratamos na frente de todos. A primeira caneca, eu bebi, a segunda, joguei por cima do nosso grupo. Uma festa. Grande dia.

Ao longo do ano, fui identificado como atleta, e competi algumas vezes pelo CPOR em provas de revezamento 4x100. Com isso me afastei um pouco do meu pelotão. Junto aos outros atletas, tínhamos alimentação diferenciada, horários fixos para treino e assistíamos menos aulas. Perdi também alguns campos e visitas. Foi bom também para ter um certo distanciamento do dia a dia do pelotão e ter uma compreensão mais ampla daquele contexto. Na prática esportiva cotidiana do CPOR, eu gostava particularmente da pista de pentatlo militar. Nosso tenente havia sido campeão dessa pista na AMAN, e conhecia um truque para cada um dos obstáculos. Treinávamos cada obstáculo separadamente, sempre focando em reduzir o tempo. Nosso treinamento deu efeito: em 1984, o pelotão de Engenharia ganhou a competição do CPOR, depois de muitos anos de hegemonia da Infantaria.

No dia da formatura final, em dezembro de 1984, já de quepe, uniforme de oficial e estrela em cima do ombro, me senti feliz. Havia sobrevivido, superado muitas dificuldades, conquistado meu espaço num meio adverso e me sentindo capaz de encarar qualquer situação, mesmo sob pressão, sem perder o controle. Aprendi a ter sangue frio, foco e a não ter medo de gente que grita. Isso seria muito útil alguns anos depois, quando fui trabalhar no Instituto de Criminalística, fazendo perícias em locais de crime. Mas essa é outra história.

